

Nº 37 38

MISTURADAS DE LISBOA
TEMPERADAS A' MODA,
PRATINHO EM QUE TODOS TEM O SEU QUINHÃO,

OU

A SEGUNDA PARTE

DOS

ÓPIOS

QUE TEM DESCUBERTO



JOSÉ DANIEL RODRIGUES
COSTA.

Hº 3

Josepho Loureiro



LISBOA:

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO DE M. DCC. LXXXVI

Com Licença da Real Meza Censoria.

MISTURADAS DE LISBOA
TEMPERADAS A MODO
TANTO EM QUE TUDO SE OUSE QUINHÃO

*De hum côpo de Agua a gente se estimula ,
Botado por querer neste ou naquelle ;
Mas grossa chuva que não faz escolha ,
Ninguem a estranha por que a todos molha.*

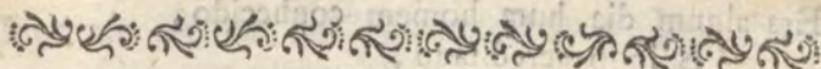
S O N E T O .

AS Leis da honra falta o que murmura
Das casas, em que tem hum civil trato ,
He tido por má lingua , e por ingrato ,
O que falla dos melmos que procura :

Merece mais louvor do que censura ,
Todo o que faz dos vicios hum retrato ,
Supposto que este arbitrio não he grato ,
A Moral sempre faz séria figura :

Apontar individuos não me toca ,
E não devo mostrar , nem inda aquelles
Que contra mim tem sempre infame bo

Nesta obra entro eu , e entrão elles ,
A crítica em geral ninguem provoca ,
Nella fallo de mim , fallando delles.



O' PIOS PARTE II.

A Penna que aparei para os meus ópios
 Ainda se conserva,
 Vou seguindo do ópio o mesmo fio,
 Supposto que he malhar em ferro frio.

Engana-se comigo o Mundo todo,
 Que eu com todo o descanso,
 Desejando alcançar de tudo o fundo,
 Não me escapa o que vejo pelo Mundo.

Muita gente dirá que estou cahindo
 No mesmo que reprehendo,
 Que quem de vidro tem o seu telhado,
 Deve os outros tratar com mais cuidado.

Não te intemidem Musa esses que fallão,
 A Moral he precisa,
 Sem fazer exceção vamos-lhe ao pello;
 Porque eu sou máo, não devem outros fello.

Mil e tantos engenhos estão promptos
 A corregir os vicios,
 Mas por maior que seja a correcção,
 Tudo se leva de vitor feição.

Porém se Portugal teimoso nisto,
 Emenda nos não mostra,
 Torna tu minha Musa o desafogo,
 Vai batendo em geral, fogo, e mais fogo.

Eu nunca vi o Mundo como o vejo,
 Arrastão-se huns aos outros,
 Não ha mais que palavras Francezinhas,
 E tudo cheio destas figurinhas.

Era algum dia hum homem conhecido,
 E logo acreditado,
 Hoje se faço nisto algum excesso,
 Quando me caloteia, he que o conheço.

Cada hum aferrolha o seu dinheiro,
 E sómente na estrema
 De ver huma pinhora nos seus bens,
 He que dá liberdade a alguns vintens.

Eu Profeta não sou, mas se isto atura
 Esperem-lhe a pancada,
 Ha de o tempo chegar, tempo irrisorio,
 De comprar, e vender por palanfrorio.

Mettão as mãos nas suas consciencias,
 E vejão se lhe minto,
 Tomemos minha Musa hum defafogo,
 Vai batendo em geral, fogo, e mais fogo.

Velhos, e moços, grandes, e pequenos,
 Todos vivem dos ópios,
 Entrarão por Lisboa com tal arte,
 Que he hum ramo de peste em toda a parte.

Que Mestre inventaria esta sciencia?
 Foi Maganão de gosto,
 Em breve tempo, e muito descansado,
 Discipulos immensos tem botado.

Mas tornando de novo, a novos vicios,
 Ando sempre confuso,
 Não vejo senão luxo, e assembléas,
 E muitas casas sem jantar, nem feás.

Não ha mais que viverem affectados,
 Infenitos casquilhos,
 Que as bolças atacadas sempre tem,
 Sem o Mundo saber donde lhe vem.

Huns nos mettem pòr ópio que tem rendas,
 Que tem altos Padrinhos,
 De dia luzimento, elevação,
 Mas ao anoitecer faca na mão.

Não desmais ó Musa, vai batendo,
 Taes ópios não consintas,
 Se tomaste a Moral por defafogo,
 Vai batendo em geral, fogo, e mais fogo.

Ha outros de outra roda mais brilhante,
 Loucos filhos Morgados,
 Porém na casa donde hũm destes vai,
 Tem nelle esbelta Dama, Mãi, e Pai.

Qual tenro Pintasilgo que na muda
 A penna vai largando,
 Tal se põe o Milor em decadencia,
 Por ter naquella casa a preferencia.

Em qualquer lance he sempre consultado
 Por engenhosa Velha,
 Guarda das portas, que com genio igual,
 Fexa a da rua, e abre a do quintal.

Tanto bem vai durando, em quanto dura,
 Hum igual luzimento,
 Rematando depois tão grande abrigo,
 Em pedir seis vintens ao seu Amigo.

Faz timbre de farçola com as Damas,
 A tudo dá sahida,
 E temendo depois ser posto á raza,
 Não torna o tal Amigo á mesma casa.

Em qualquer lance em que empenhado seja,
 Diz sempre estas palavras:
Eu penço se fará, eu farei ver,
Q quanto lhe desejo obedecer.

Alli conta amizades infinitas,
 Que tem muito quem sirva,
 Que tem por esta Corte poder tanto,
 Que tem feito milagres como hum Santo.

Ora vê, minha Muza, estas figuras;
 Os ópios que nos dão,
 E has de isto soffrer sem defaogo!
 Vai batendo em geral; fogo, e mais fogo.

Pois certos figurões infatuados,
 Todos mysteriosos,
 * Que andão mui de vagar com passos lentos,
 * Só por não maltratar os pavimentos!

Huns fulanos que quando estão fallando,
 Tem sempre a toce prompta,
 Que pondo certo em tudo hum mão agoiro,
 Dão tres palavras, como quem dá oiro.

Andão taes individuos ópios dando,
 Mas eu de longe a yellos,
 Porque estas cousas inda o mais esperto,
 Se não se acautelou tem ópio certo.

He ópio hum Protector ter dois validos,
 Pois sempre se defunem,
 Que como cada hum quer ser primeiro,
 Não cantão bem dois gallos n'um poleiro.

Para quem quer faude, estar doente
 He ópio conhecido,
 Que além de pôr a bolsa em decadencia,
 Tambem vai esgotando a paciencia.

Medicos, Cirurgiões, e Boticarios,
 São ópios infalliveis;
 Pois matão quasi sempre (felizmente)
 Com mil opiniões, a vasta gente.

Approva o Cirurgião logo a sangria,
 O Medico converça,
 E entreendo os infermos com destreza,
 Diz que está espreitando a natureza.

Lá fique o torto gancho da Botica,
 Enfiando as receitas,
 Purgantes, ervas, pós; e finalmente,
 Tudo entulho das tripas do doente.

Não me posso callar inda que queira,
 Profegue minha Musa,
 Não falles em ninguem, por desafogo,
 Vai batendo em geral, fogo, e mais fogo.

He ópio ir tomar café ás Praças,
 E maior tomar neve,
 Pois apenas na loja estou sentado,
 De mulheres, e homens sou cercado.

Não digo que á pobreza se não valha,
 Culpo quem o não faz,
 Mas entre os pobres bons, e lastimosos,
 Anda muita patrulha de ociosos.

Agora vou fallar do perdulario
 Affectando grandeza,
 Que porque he rico, e porque quer ser nobre,
 Gasta em funções, e não soccorre o pobre.

Ha outros sendo já Pais de familias,
 Com rebanhos de Filhas,
 Que arrastados do vicio com idéas,
 Despem as suas; vestem as alheas.

Ha outros que se casão por seu gosto,
 Porém em breves dias,
 Enjoando a Mulher, filhos, e casa,
 Põe a Mulher, e filhos tudo á raso.

Estes santos varões assignalados,
 Cuidão que nos dão ópio,
 Não discorrem que o damno dellés he,
 Que ópio lhe dá o Mundo, quando os vê.

Ha outros que na tenra mocidade
 Tem o casar por festa,
 Mas ao lado do velho Padre Cura,
 Vão buscar na mulher a sepultura.

Minha Musa se vês tantas ruínas,
 Todas por casamentos,
 Ninguém póde estranhar-te o desafogo,
 Vai batendo em geral, fogo, e mais fogo.

Mas donde deixo eu os célebres ginjas,
 Que apenas anoitece,
 Vão de contas nas mãos para as Boticas,
 Com as contas fazendo peloticas!

A donde deixo eu outros que taes,
 Que vão ás Assembléas,
 E se arrumão no canto da Janella
 Com somno ás cabeçadas sem cautella!

A Senhora a cantar em altos berros,
 E elles a dormirem,
 Levanta-se a Senhora do feu Cravo,
 Espantados acordão, dizem bravo.

Aqui fica a Madama muito inchada,
 Ouvindo os altos vivas,
 Pois os mesmos que a ouvilla adormecêrão,
 Todos por ópio as palmas lhe batêrão.

Que passagem tão linda he ver a Dama,
 De cabello estendido
 Pelas costas abaixo, cousa rara,
 Só lhe falta trazer a Beca, e Vara.

Bellezas té os queixos estendidas,
Se pôde ser belleza,
Trazer huma Menina inda a mais rara,
Dois montes de cabellos pela cara.

Outra de coifa até os calcanhares,
Que desenrolto uso!
Se as coifas crecem mais, he necessario,
Trazer cada Senhora hum caudatario.

Do pescoço até abaixo c'uma cinta
Ligada, qual criança,
Com cuja cinta com que se vê preza,
Parece Moira, mais que Portugueza.

Outras mettidas sempre n'um donaire;
Hum traste que he de ópio,
Cujos donaires, moveis incapazes,
Parecem-me as tourinhas dos rapazes.

Enfastia-se a gente de contar,
Os moveis das Senhoras,
Quando por noite deixão taes trastinhos,
Vê-se a Senhora toda em bocadinhos.

Sempre devo louvar-te minha Musa,
Estes justos reparos,
Prosegue nesse mesmo desafogo,
Vai batendo em geral o fogo.

Esquecião-me já muitos que vejo,
Por essas Assembléas,
Opé de huma Senhora sem sucego,
Vão-lhe embutindo huma Oração de cégo.

Então se pôde ter dó da Menina,
Pois largão-lhe ao ouvido
Mil conceitos de amor, conceitos doutos,
E com elles hum par de perdigotos.

A pobre por paixão, ou por modestia;
Já de lugar não muda,
E o Millor que hum instante se não cala,
Já com voz de chorão, assim lhe falla:

*Estimavel Senhora, quanto, quanto,
Me custa o seu desprezo,
Olhe bem que sou rico, e que sou nobre,
Espero que por mim excessos obre.*

*Fica sendo daqui minha Pastora;
Eu sou o seu ferrão,
Offertas lhe farei de seu agrado,
Seu nome, escreverei no meu cajado.*

*Inda não vi Pastora mais bonita!
Que tão traveços albos!
Que delicada boca! que sutura!
Nenhuma mostra aqui melhor figura.*

Neste ponto a Menina engole em secco;
Já toda se endireita,
E responde com voz de quem quer bem;
Ora o mofo muita graça tem.

Elle pede ciúmes ella ostenta,
E move-se a questão,
Se quem tem zelos tem amor perfeito,
Se amor nasce da vista, se do peito.

Eis-aqui a Senhora affoguiada;
Decedindo o Problema,
Authores cita, em tudo dá seu cõte,
Falla a torto, e direito, desta sorte:

*Todos os homens são enganadores,
Assim o diz Horacio,
E a Constante Florinda no Cartago;
Por Diogenes teve o seu estrago.*

Com

Com estas, e com outras semelhantes,

Se constituem Letradas,

Eu te perdoo Musa o desafogo,

Vai batendo em geral, fogo, e mais fogo.

Mas agora me lembra que não deves

Abuzar dos Leitores,

He bem que a minha penna se suspenda,

Veremos se esta gente toma emenda.

Eu já dos ópios fiz primeira parte,

Esta he a segunda,

E se d'ópios Lisboa se não farta,

Sahirei com terceira, e mais com quarta.

Senhoras vão deixando as Assembléas,

Tragem com meio termo,

Sejão nos seus agrados mais escaças,

Que Lisboa não he já para graças.

E vós altos Tafuis que andais na roda,

Andai com mais cautella,

Se inda vos não servir meu defengano,

Para mais carapuças tenho panno.

Não vos desconsoleis destes meus ópios,

Tambem comigo fallão,

A correcção comigo se reparte,

Eu nelles tambem tenho grande parte.

Só ha em mim, e em vós huma differença,

Que vós não tirais fructo,

E eu dando-vos ópio verdadeiro,

Sou dos vossos vintens o Theloureiro.

SONETO DE OPÍO.

HE ópio dar em casa huma função;
 He ópio andar sempre sem real,
 He ópio boas festas, no Natal,
 Duas noites perder no São João;
 He ópio ir morrer por comilão,
 He ópio vestir bem, e comer mal,
 He ópio ir a pé té ó cardal,
 Com creditos de ser hum bom ladrão:
 He ópio namorar quem me não quer,
 He ópio ir levando, e não fugir,
 He ópio aturar huma mulher:
 E para o meu Soneto concluir,
 Té neste Mundo hum ópio vem a ser,
 Andar huñs chorar, e outros arrir.

*A Menina no Toucador,
 Modinha para se cantar.*

Manda-me Amor que eu retrate
 Huma Dama ao Toucador,
 Vou comprir os meus deveres,
 Por ser preceito de Amor.

Ai, ai, por vezes,
 Andão todas as Meninas
 Dando ópios aos Maltezes.

Logo que a Senhora acorda
 Com semblante amarellado,
 Com hum unto milagroso,
 Todo o rosto he besuntado.

Ai, ai, &c.

Mettida n'um mandrião,
 Já fóra da cama vem,
Affectando toçe secca,
Com a qual não passou bem.
 Queixa-se do negro leito,
 E diz, (coisa muito rara!)
Que hum persovejo que vio,
Toda a noite a constipara.
 Que traz immenso fastio,
Que nem pôde respirar,
 Porém grita a toda a preça,
 Que lhe tragão de almoçar.
 Vem esperta rapariga
 Com o almoço na mão,
 Bebe chá, come fatias,
 Sem menor indigestão.
 Dá tres voltas pelo cravo,
 E sentada na cadeira,
 Canta para ter melhora,
 Huma moda brasileira.
 Dalli logo he conduzida
 Para o célebre toucador,
 Onde não cessão as pragas
 Por se não saber compôr.
 Chama a Aia em altas vozes,
 E porque não deo resposta,
 Lhe diz, para a outra vez
 Ha de ser na rua posta.
 Venha compôr o riçado,
 Traga as tiras de volante,
 Deme dois ganchos maiores,
 Limpe as fittas n'um instante.
 Tudo vai n'uma poeira,
 E já a pobre Criada,
 Anda pelo gabinete
 Como mosca atordoada.

Mal que o riçado se põe,
Vejo a Dama n'um flagello,
Porque não lhe encobre nada,
Certas faltas de cabello.

Atira c'o espelho ó chão,
Dá gritos, faz berrarias,
Para a consulta da poupa,
Vem a Mãi, o Pai, as Tias.

Desmaia seiscentas vezes,
Todas sem maior roina,
Que para aquella molestia,
Todas sabem Medecina.

Confegue por fim da festa,
Pôr os volantes, e as fittas,
E vem já prompta de todo
Para a sala das visitas.

Entra sua Senhoria,
De outro igual acompanhado,
Faz-lhe milura, e pergunta,
Como está meu empinhado?

Como passou o meu Par?
Como está o meu Cupido?
O meu lindo bem deveras
Não tem cá apparecido.

Depois dos annos da Mana,
Meu filho, bem não passei,
Inda trago a dor no peito,
Dos coitibões que dancei.

Com estas taes nenharias,
Se passão do dia as horas,
Que este he todo o Breviario,
Porque rezão as Senhoras.

Deos me livre de ser Pai,
Tio, Avô, ou Padrinho,
Que se encontrar destes genios,
Eu lhe darei hum geitinho.

O'PIOS DO CAES DA PEDRA

Em noites de Verão.

S O N E T O.

EM quanto a branca Lua resplandece,
 Me vou da fresca noite aproveitando,
 Ao Caes da Pedra chego, e passeando
 Vejo o *Tutuli-mundi* que apparece,
 De riçados, e anquinhas se conhece,
 Para me recrear vistoso bando,
 Huma beja o seu par de quando em quando,
 Outra as contas que traz, e o terço offrece:
 Entra a Dama ciosa n'um tormento,
 O chixisbeo hum pouco desconfia,
 Faz as pazes a Mãi a seu contento:
Cahio no ópio sua Senhoria,
 He mais huma função de casamento,
 Fortuna do Prior da Freguezia.

SONETO POR IRONIA.

Não trabalhes Anarda que he loucura,
 No trabalho empregar a mocidade,
 Ganhas mais em fazeres sociedade,
 Do que pódes ganhar nessa costura:
Põe Anquinhas, e Xale, e então procura
 Funções onde domine a liberdade,
 Marca hum bom cotilhão, prende a vontade,
 Ao destro Par que terno te procura:
Mal se acabe a Assembléa riscaremos,
 Brinco de Mar sem ter vento contrario,
 Fiambres, fructas, tudo levaremos:
E em Cacilhas portando o ranxo vário,
 Devotamente em burros montaremos,
 Por cumprir a promessa a S. Macario.

SONETO POR IRONIA.

R Apariga olha cá, já que és tão bella,
 Não difficultes tanto os teus agrados,
 Já se acabou o tempo dos estrados,
 Os Pais já não põe tranca na janella;
 Aproveita o luar da noite bella;
 O tempo he a favor dos namorados,
 Que depois que ha anquinhas, e riçados,
 Ser, ou não recatada, he bagatella:
 Se te esquecer que a Morte leva tudo,
 Aconselha a teu Pai ópios da moda,
 Que faça mil funções com pouco estudo:
 Que forre de papeis a casa toda,
 Que compre chá, manteiga por miudo,
 Que he com que a gente nas funções se engoda.

S O N E T O.

S Senhor Pai de Familia tome tento,
 Não a amostre se a quer ver recatada;
 E destes a que chamão Maltezada,
 Só á porta lhe aceite o cumprimento:
 A filha que tiver busque hum Convento,
 Para ser da Madrinha acompanhada,
 Que no rallo, e na grade acautelada,
 Se quer ser má he só no pensamento:
 Se o conselho não toma, a Deos Donzella!
 Pobre Pai! soffrerá mil companhias,
 Que a casa lhe hão de vir com o olho nella:
 E depois já no resto dos seus dias
 Vestida ó Carmo, espere que ha de vella,
 Que he uso das que ficão para Tias.